

Literatura infanto-juvenil em destaque na Feira do Livro

Quatro escritores do género debateram características e valores ainda válidos

Luís Rocha
lrocha@dnoticias.pt

A literatura infanto-juvenil esteve ontem no centro das atenções na XXX Feira do Livro e da Comunicação do Funchal, com uma mesa-redonda que congregou quatro escritores - Mafalda Moutinho, Maria do Rosário Pedreira, Nuno Guedes e Octaviano Correia - no Salão Nobre do Teatro Municipal Baltazar Dias. José Viale Moutinho, vencedor do Prémio Edmundo Bettencourt em dois anos consecutivos, nas modalidades de romance e poesia (neste último género, partilhou a distinção, este ano, com Ana Teresa Klut) deveria ter estado presente, também para lançar o seu livro "O Amoroso", publicado pela Editora Ausência. Mas ausência acabou por ser mesmo a do escritor, que motivos familiares imperiosos impediram de se deslocar ao Funchal.

A natureza da literatura infanto-juvenil foi dissecada pelos autores presentes nos seus múltiplos aspectos, num debate interessante e cujas conclusões se projectaram até para além do género literário específico em discussão. Por exemplo, Mafalda Moutinho, autora do livro "O Segredo do Mapa Egípcio", publicado pela D. Quixote, realçou o facto de alguns escritores actuais, como J.K. Rowling, autora de "Harry Potter", terem repescado para as suas obras temáticas que, de facto, já existiam há várias décadas na literatura e deverem parcialmente o seu enorme sucesso ao

Um imaginário rico e os valores tradicionais do bem, da amizade e da lealdade ainda é o que pais e crianças querem

facto de terem conseguido cativar o público adulto, além das crianças e dos jovens. Por outro lado, referiu a escritora Maria do Rosário Pedreira, alguns escritores nem escreveram especificamente para crianças ou jovens, como é o caso de Tolkien, cuja obra-prima "O Senhor dos Anéis" ultrapassou, em muito, as tradicionais fronteiras do género infanto-juvenil, devendo-se também a isso o seu enorme sucesso: é que cativa várias faixas etárias, jovens e adultos. Simplesmente, apontou, é o marketing que projecta Tolkien para as camadas mais jovens, talvez não com total propriedade, uma vez que a sua obra nem sempre é de fácil leitura. Comum a diversas narrativas deste género é, porém, a sua natureza moral, opondo "bons" contra "maus" e fazendo com que o bem vença, mesmo que a custo: um tipo de moralidade que, ao fim e ao cabo, é o que todos os pais querem transmitir aos filhos, pese embora a subjectividade deste conceito, cada vez mais visível num mundo mais e mais injusto.

A defesa do fantástico e de um imaginário rico foi também defendida por Octaviano Correia, cuja natural riqueza da tradição oral de Angola, de onde é natural, influencia naturalmente a sua criação, e também pela generalidade dos outros intervenientes, mesmo dos que, como Nuno Guedes, se procuram aproximar mais do quotidiano dos dias de hoje, indo também ao encontro dos temas preferenciais dos jovens, como o futebol, na série juvenil "Objectivo Golo".

